

O MISTÉRIO DE DANIEL

Ilan Brenman

© Alexandre Rampazzo



Resenha

A mãe de Daniel andava preocupada. Como é que o filho, que sempre comeu tão direitinho, andava engordando com uma velocidade espantosa se continuava comendo a mesma quantidade de sempre? Chegou a levá-lo ao médico, mas de nada adiantou: o doutor simplesmente atestou que o garoto estava em sua mais perfeita saúde – apenas recomendou que não comesse tanto. Lá se foi a mãe, ainda que contrariada, colocar o garoto de regime: mas não é que ele continuava engordando, mesmo comendo menos ainda?

Foi então que a mãe decidiu vigiar cada momento da rotina do filho, para ver se descobria o mistério por trás de toda aquela gordura. Verificou que Daniel comia moderadamente no café da manhã, costumava comer apenas uma fruta no intervalo da escola – mas foi quando entrou no quarto do garoto, repentinamente, enquanto o menino fazia lição de casa, que se deu conta de que Daniel andava devorando letras! Foi então que pôde, finalmente, conversar com o garoto e lhe dizer que não fosse tão voraz e guloso, para deixar que as letras se juntassem de modo a formar palavras legíveis. Desse momento em diante, à medida que se familiarizava com a escrita, o menino foi voltando a emagrecer até conseguir voltar ao seu peso de sempre.

Em *O mistério de Daniel*, Ilan Brenman toma como ponto de partida uma expressão idiomática da língua portuguesa, “comer letras”, para criar uma narrativa simples que serve de alegoria para o processo de alfabetização de uma criança. A história nos lembra que os adultos alfabetizados muitas vezes sentem



Coordenação:
Maria José Nóbrega

dificuldade de compreender o difícil processo vivido pelos filhos quando se deparam com as letras pela primeira vez e precisam se dedicar a escutá-las e compreender sua lógica – formar palavras não é, afinal, tarefa fácil e, especialmente, numa língua como o português, que possui uma ortografia desafiadora e cheia de sutilezas. Para tanto, o autor traça um paralelo entre o desconforto de um garoto com as letras com aquele de uma criança que começa a engordar, mesmo comendo relativamente pouco – drama vivido por muitos pequenos e grandes em um mundo em que a magreza é idealizada pela mídia como sendo sinônimo de padrão desejável.



Depoimento

De Pedro Felicio,
ator, músico e pai

Mistério mesmo, esse do Daniel. Detetives, apurações e pesquisas estão em voga por aqui ultimamente e esse livro deu uma contribuição valiosa!

Nossa investigação familiar começou logo nas primeiras páginas: quais são as outras comidas gostosas? Por que doce de leite se chama doce de leite? Por que fica gordo no resto do corpo se a comida vai pra barriga? Quais são os apelidos de que não gostamos? A Mônica (do Maurício de Souza) não gosta que a chamem de gorducha...

Meus filhos não pararam de fazer perguntas ao longo da leitura do livro todo. Isso é muito legal, porque demonstra, de alguma forma, que eles “entraram” na história com um espírito investigativo mesmo, se sentiram os detetives do caso do Daniel.

As ilustrações, em relação direta com o texto, oferecem pistas sutis para as crianças tentarem descobrir o que fazia o menino Daniel engordar tanto. A revelação do real motivo foi uma surpresa e, ao mesmo tempo, fez com que o mais velho exclamasse alto: “Sabia! Por isso pegava as letras do livro!”.

Provavelmente, meu filho não sabia, mas essa não é a questão. Aliás, a grande e central questão do livro apareceu-nos só nesse momento: “Como assim, comia as letras?”.

Infinidade de novas perguntas: como ele conseguia ler depois de comer as letras? Ele comia o papel? Dá pra mastigar letras? Os amigos não iam poder mais ler porque ele comeu todas as letras? O que são essas rodinhas (as roldanas das páginas 11 e 29)?

Nos divertimos muito tentando responder a tantas indagações. Chegamos, inclusive, a utilizar a expressão “comer letras” em nossas conversas, lembrando que a minha mais nova às vezes “come” as letras R, por exemplo. “É gostoso a letra R, Lelê?” – perguntou o mais velho. Ela não gostou nem um pouco da provocação...

Brenman e Rampazo criam um jogo maluco com a noção de leitura que deixou meus filhos confusos de um jeito muito bacana. *O mistério de Daniel*, por fim, não tem uma solução lógica e óbvia, gerando uma espécie de curto-circuito na cabeça dos pequenos (e dos grandes também). Isso é muito interessante de se perceber nas crianças.

No dia seguinte, lendo outro livro, com páginas velhas e levemente rasgadas, Lelê me perguntou se alguém havia comido as letras.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008) seu best-seller. Muitas de suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Leia Mais

Do mesmo autor e da mesma série

- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Pêssego, pera, ameixa no pomar*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Não quero ir para cama*, de Julie Sykes. São Paulo: Ática.
- ✦ *Amoras*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

